

# Da Pluripolaridade ao Socialismo: Um Manifesto

## Grupo do Manifesto Internacional

### Setembro de 2021

A classe dominante, incapaz de assegurar aos trabalhadores sua existência, é "incapaz de ser mais a classe dominante" e "impor suas condições de existência à sociedade", disseram Karl Marx e Friedrich Engels, exortando os revolucionários a sufocar o capitalismo em seu berço europeu, já em 1848. Aquela Primavera dos Povos foi logo seguida pela Comuna de Paris e a atividade revolucionária em todo o mundo manteve o espectro do comunismo assombrando as classes capitalistas e avançou a democratização das relações sociais nas garras de uma contra-revolução determinada.

No núcleo imperial do capitalismo, as lutas dos trabalhadores conquistaram estados de bem-estar e regulamentaram os capitalismos após a Segunda Guerra Mundial, em suas periferias, independência nacional e estados desenvolvimentistas. Enquanto isso, alguns países, começando com a Revolução Russa em 1917, embarcaram na construção do socialismo. Cada vez mais, eles organizaram a produção de acordo com as necessidades, distribuíram o trabalho e suas recompensas de maneira equitativa e se relacionaram entre si em um espírito de cooperação. Apesar de sucessos incompletos, grandes problemas e reveses impressionantes, a luta que eles começaram por um mundo além do capitalismo, alienação, imperialismo e outras injustiças sociais continua.

Hoje, após décadas de crescentes contradições capitalistas, as classes dominantes capitalistas, neoliberais ou residualmente social-democratas, em países ricos e pobres, estão dando às palavras de Marx e Engels um significado macabro. Ao longo de quatro décadas de políticas que favorecem o capital, o capitalismo neoliberal financeirizado perdeu dinamismo produtivo e se tornou uma pilhagem improdutivo, criou pobreza em massa inaceitável, desigualdade chocante, divisão social inflamada, repressão política draconiana, uma ameaça crescente de guerra nuclear exterminista, movimentos de massa da população e uma emergência ecológica de aquecimento do clima, poluição e perda de biodiversidade, tornando nosso planeta cada vez mais inabitável. Acima de tudo isso, hoje está respondendo a uma pandemia violenta, sacrificando vidas ao capital e ao lucro e aumentando a repressão política. Rosa Luxemburgo temia que a alternativa ao socialismo fosse a barbárie. Hoje, porém, é a aniquilação humana e planetária.

Na década de 2010, o descontentamento latente explodiu em chamadas com frequência crescente.

A década começou com os protestos na Tunísia que deram início à "Primavera Árabe" e continuou com os protestos europeus contra a austeridade. O evento chegou ao fim em

meio a protestos de crianças em idade escolar contra a mudança climática, as lutas das mulheres muçulmanas indianas pelos direitos de cidadania, Black Lives Matter (Vidas Negras Importam), ‘coletes amarelos’ na França e protestos contra economias sem esperança e repressão política, da Turquia ao Chile e Nigéria. Em 2020, os agricultores impediram a intenção do governo de corporatizar a agricultura e os trabalhadores organizaram a maior Greve Geral da história na Índia, o maior país capitalista do mundo.

À medida que capitalismo em ruínas respondiam à pandemia de maneira inevitavelmente caótica, as coisas despencavam. Quer eles negassem ou falsamente colocassem vidas contra meios de subsistência - o eufemismo da classe capitalista para lucros - sua resposta à pandemia resultou no assassinato social de milhões e induziu crises econômicas de proporções históricas.

Em meados de 2021, os cidadãos exigiam investigações sobre essas respostas assassinas nos países imperiais, milhões nas ruas do Brasil acusavam seu governo de genocídio e os povos indígenas se preparavam para o mesmo. Uma ampla maré de descontentamento contra o capitalismo também cresceu: os chilenos elegeram uma mulher indígena mapuche para liderar sua assembleia constituinte duramente conquistada. Os bolivianos sobreviveram uma tentativa de golpe. Os palestinos encontraram uma unidade e resolução sem precedentes contra outro ataque israelense.

O mundo capitalista é hoje uma caixa de pólvora política: a adequação do capitalismo é questionada como nunca antes, os estabelecimentos políticos estão perdendo seu controle e a credibilidade da grande mídia está desgastada.

Em contraste, as respostas dos países socialistas à pandemia foram exemplares: China, Vietnã e até mesmo Cuba bloqueada perderam relativamente poucas vidas e até ajudaram outros países a lutar contra a pandemia. A China, pelo menos, também retomou o crescimento em um ritmo inteligente.

De fato, em 2021, nenhum país representa o avanço dos trabalhadores - econômico, tecnológico, ecológico e social - mais do que a China, embora as conquistas de outros países socialistas como Cuba também tenham alta classificação. Para seu registro já impressionante - as maiores revoluções políticas e industriais, a completa erradicação do feudalismo, o fim da pobreza extrema, grandes contribuições para resolver a emergência ecológica, incluindo em energia renovável, florestamento e fusão nuclear - a China agora acrescentou sua reivindicação contra o novo coronavírus e liderança internacional na luta contra ela.

Não é à toa que o Partido Comunista da China celebrou um orgulhoso centenário em julho de 2021. O partido fez da China a nação indispensável na luta da humanidade pelo socialismo, oferecendo ajuda e inspiração como um exemplo digno de um país que busca o socialismo de acordo com suas condições nacionais.

Hoje, no entanto, essa luta encontra-se em uma situação perigosa. Com sua longa crise fermentada pela pandemia, claramente contrastando com os múltiplos sucessos da China, a principal nação imperialista busca liderar outros países imperialistas e lacaios em uma Nova Guerra Fria contra a China. Como a antiga, esta Guerra Fria é também uma ofensiva imperialista geral contra o desenvolvimento autônomo dos povos, da Palestina ao Peru e do Vietnã à Venezuela. A variedade de meios pelos quais eles o fazem é apoiada pelo arsenal mais temível do mundo, incluindo armas nucleares, químicas, biológicas e cibernéticas de destruição em massa. Nunca tanto poder destrutivo foi concentrado em tão poucas mãos irresponsáveis e desesperadas para manejar contra tão grande maioria das pessoas do mundo e povos com um interesse objetivo no socialismo.

Nosso Manifesto surge neste momento de perigo a partir de discussões profundas e amplas entre ativistas de todos os continentes que representam muitas tradições socialistas. Sua avaliação histórica e teórica da conjuntura atual busca o avanço das lutas de classe e nacionais pelo socialismo.

### **A economia geopolítica do capitalismo e do socialismo**

O capitalismo é íntimo das revoluções. As revoluções burguesas tiveram de introduzi-lo na história, as revoluções ameaçaram-no desde o início e, a partir de 1917, as revoluções populares o trouxeram para fora da história. Pois é, ao contrário dos mitos liberais, a forma mais anormal de produção social que a humanidade poderia ter por acaso, fundada como é na 'separação do trabalho livre das condições objetivas de sua realização', 'do solo como [nosso] oficina natural' e de outros meios de produção.

Este simple fato que estava claro para os bolcheviques e a Terceira Internacional, não é suficientemente compreendido por socialistas que capitalismo e imperialismo andam juntos. Eles exploram as classes trabalhadoras e as nações coloniais e semicoloniais. Ambos resistem. As nações, bem como as classes, lutam pelo socialismo no terreno da economia geopolítica e política do capitalismo. Além disso, todas as comunidades igualitárias que encontraram o capitalismo se opuseram a ele e hoje os povos indígenas que sobreviveram ao seu ataque continuam resistindo em nome de direitos ancestrais, terra, meio ambiente e comunidade.

Nas lutas de classe entre as classes trabalhadoras e capitalistas cada vez mais politicamente organizadas, as últimas forçaram concessões de bem-estar, restrições regulatórias e tributação sobre as primeiras para proteger o trabalho, a terra e a sociedade.

Internacionalmente, na dialética entre o desenvolvimento desigual e combinado, os Estados poderosos buscaram em vão preservar seu domínio imperial por meios econômicos, políticos e militares, muitas vezes em competição entre si. Aqueles que resistiram tentaram desenvolver as forças produtivas por meio da proteção e da direção do Estado, afirmando a soberania econômica. Essa resistência, não a extensão do mercado mundial ou do imperialismo, espalhou a capacidade produtiva pelo mundo. O

sucesso em desafiar o imperialismo por meio do desenvolvimento econômico foi maior e mais sustentado onde uma revolução popular bem-sucedida deslocou o capital privado do poder político. O resultado dessas lutas entre e contra as potências imperiais tem sido a multipolaridade ou o que Hugo Chávez, mais acertadamente chamou de pluripolaridade, referindo-se à multiplicidade de pólos de poder e à variedade de seus capitalismo e socialismo nacionais.

A pluripolaridade inicial levou à competição entre a Grã-Bretanha e seus antigos e novos adversários - França, Alemanha, EUA e Japão - não apenas por mercados, mas também por colônias e "território econômico", porque eles ainda podiam tomar e manter estados fracos e territórios sem Estado.

Esta competição culminou com a Primeira Guerra Mundial e uma verdadeira Crise dos Trinta Anos (1914-45) do capitalismo e do imperialismo, minando seus alicerces com suas duas Guerras Mundiais e Grande Depressão. Em seu curso, as lutas de classe e nacionais culminaram na derrota do fascismo, duas revoluções de abalar a terra - a russa e a chinesa - e a revolta colonial contra o Ocidente. Vale a pena traçar os contornos dessas crises.

### **Crise do imperialismo**

A Rússia czarista foi o elo fraco da cadeia imperial e a Revolução Russa contra ela deu início à longa marcha da humanidade em direção ao socialismo. Ocorrendo fora da pátria do capitalismo, teve que alcançar justiça social e desenvolver as forças produtivas contra a hostilidade imperialista incessante. Na verdade, as revoluções russa e chinesa foram como os dois olhos da tempestade de forças progressistas que assaltam o capitalismo e o imperialismo em todo o mundo, fazendo a diferença entre a vitória e a derrota contra o fascismo na Europa e na Ásia ao custo de cerca de 30 e 20 milhões de vidas, respectivamente.

Reconhecida como um dos principais aliados antifascistas, a China acabou com quase todos os Tratados Desiguais em 1943, tornando-se independente e um dos cinco membros fundadores das Nações Unidas em 1945. Quatro anos depois, os comunistas de Mao alcançaram a vitória na guerra civil que se seguiu à derrota do Japão, embora a obstrução dos EUA o manteria fora da ONU e do Conselho de Segurança de então até 1971.

No momento da crise imperialista, os países coloniais e semicoloniais também alcançaram a independência, consistentemente apoiados apenas pela União Soviética e mais tarde pela China e outros países socialistas. A postura dos EUA foi, em contraste, dúplce. Ansioso por preservar a dominação ocidental, lançou bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki para intimidar a União Soviética. Ansioso por acesso econômico às ex-colônias europeias, deu algum apoio à sua independência, mas também foi à guerra contra nações do Terceiro Mundo não menos que 50 vezes depois de 1945. Seu arsenal caro provou, no entanto, não ser páreo para a determinação política de povos heróicos em luta por sua independência, como os coreanos auxiliados por voluntários

chineses ou os vietnamitas liderados por Ho Chi Minh. Os fracassos militares dos EUA espalham-se hoje pelo Iraque, Síria e, de forma mais dramática, pelo Afeganistão.

As nações independentes do Terceiro Mundo embarcaram no desenvolvimento nacional autônomo e igualitário e na industrialização para quebrar as algemas imperialistas, tanto inspiradas quanto auxiliadas pelos agora numerosos socialismos que também tiveram que desenvolver seus sistemas produtivos a partir de um nível inferior. Embora os países recentemente industrializados das décadas de 1970 e 1980 e os BRICS e as economias emergentes da década de 2000 estejam entre os sucessos mais conhecidos, outros países também obtiveram ganhos substanciais.

O fim da União Soviética atrasou o socialismo, mas não foi o fim do socialismo, apenas o fim do início do socialismo. O caminho para o socialismo e, eventualmente, para o comunismo, é longo. As sociedades que nele embarcaram não estão magicamente livres das contradições de classe e históricas. Retrocessos são possíveis. Afinal, as revoluções socialistas até hoje ocorreram em países pobres. Desenvolver suas forças produtivas não é apenas muito mais difícil do que viver das conquistas do imperialismo; tinha que ser alcançado contra a pressão imperialista. As lideranças políticas que assumem isso também podem se tornar burocráticas e perder o contato com o povo. Aspectos da coletivização de Stalin ou do Grande Salto para a Frente de Mao envolveram combinações dessas dificuldades.

A história do socialismo até agora traz à mente Engels "dizendo que o socialismo não é" algo que permanece cristalizado para sempre ", mas está" em processo de mudança e transformações constantes "e as observações de Marx sobre as revoluções proletárias:

... As revoluções proletárias... constantemente se criticam, constantemente se interrompem,... retornam ao aparentemente realizado para começar de novo; eles ridicularizam com cruel eficácia as meias-medidas, fraquezas e mesquinhas de suas primeiras tentativas, parecem derrubar seus oponentes apenas para que estes possam extrair novas forças da terra e se levantarem diante deles novamente mais gigantescos do que nunca, recuando constantemente do colossalidade indefinida de seus próprios objetivos - até que uma situação seja criada que torne impossível todo retorno.

A colossalidade indefinida de nossas tarefas exige que asseguremos o legado da União Soviética e todas as tentativas de construir o socialismo até agora com um balanço historicamente justo de suas realizações, limitações e fracassos. Afinal, essas tentativas ironicamente também resgataram um capitalismo em crise.

## **Crise do Capitalismo**

Desenvolvendo as percepções de Marx, Lenin e outros marxistas argumentaram acertadamente que o capitalismo atingiu seu "estágio mais elevado" no início do século XX. Cumpriu sua missão histórica de desenvolver as forças produtivas socializando a

produção, ainda que brutal e caoticamente. O capitalismo competitivo inicial socializou o trabalho entre as empresas. Posteriormente, o capitalismo monopolista aprofundou a divisão técnica do trabalho dentro deles. Daí em diante, ao invés de quaisquer vigorosas virtudes de competição que já teve, o capitalismo cada vez mais manifestou os vícios decadentes e rentistas do monopólio, desviando recursos da produção e suprimindo a competição.

Esses capitalismos maduros mergulharam o mundo na crise dos trinta anos e, depois de 1945, as economias capitalistas poderiam se estabilizar e até mesmo desfrutar de uma 'era de ouro' de três décadas apenas tomando emprestado o bem-estar social, propriedade pública e planejamento, e no caso do Japão, Coreia do Sul e Taiwan, reforma agrária a partir dos conjuntos de ferramentas políticas dos países liderados pelo comunismo.

Essas medidas promoveram o crescimento, expandiram o consumo da classe trabalhadora (compensando os mercados coloniais perdidos) e patrocinaram a pesquisa e o desenvolvimento para o aumento da produtividade. Os EUA foram forçados a tolerar e até mesmo ajudar as próprias recuperações "milagrosas" estatísticas de rivais, porque inocularam do comunismo as classes trabalhadoras ocidentais e os camponeses orientais.

Suas atrações eram substanciais. Os países comunistas desfrutaram de um crescimento robusto e invejavelmente sustentado, reforçado pela inovação tecnológica. A União Soviética produziu armas nucleares de dissuasão em 1949, lançou o satélite Sputnik em 1957 e colocou Yuri Gagarin em órbita em 1961, forçando os EUA na invejosa vaidade de pousar "Homem" na lua.

Não é à toa que muitos outros países do Terceiro Mundo se voltaram para o comunismo, enquanto os mais comprometidos dos outros esforços do Terceiro Mundo no desenvolvimento nacional autônomo também preferiram os modelos soviéticos ou chineses às recomendações de "desenvolvimento" ocidentais. Seu sucesso foi considerável, mesmo que aquém das expectativas elevadas.

O mundo do pós-guerra avançou decisivamente para a esquerda, assim como a ordem internacional. Embora os Estados Unidos procurassem imitar o século XIX, a pluripolaridade de dominação mundial ao estilo do Reino Unido havia avançado demais. Apesar de sua arrogância da Guerra Fria, os EUA foram limitados por potências capitalistas rivais que buscavam um desenvolvimento combinado liderado pelo Estado, socialismos proliferando e se estabilizando e países do Terceiro Mundo afirmando sua soberania.

As instituições de governança internacional de Bretton Woods, com as Nações Unidas em seu núcleo, enfatizaram a igualdade e a soberania das nações e a não agressão. Os EUA conseguiram impor o dólar no mundo, mas apenas prometendo a conversibilidade dólar-ouro, um fardo que se mostraria incapaz de suportar. Conseguiu organizar a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) apenas para ser dissuadida pela

Organização do Tratado de Varsóvia. Os controles de capital, o planejamento, a gestão econômica e comercial e a política fiscal e monetária voltada para o pleno emprego e o desenvolvimento eram capitais normais, generalizados e confinados nas jaulas nacionais.

Os países do Terceiro Mundo, com a maior parte em jogo nesses arranjos, construíram poderosas instituições e movimentos internacionais - a conferência de Bandung, o Movimento dos Não-Alinhados, o Grupo dos 77 + China e a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento - para aproveitá-los para o desenvolvimento, autonomia e cooperação Sul-Sul. Os Cinco Princípios de Coexistência Pacífica - respeito pela soberania e integridade territorial, não agressão, não interferência em assuntos internos, igualdade e benefício mútuo e coexistência pacífica - acordados por Zhou Enlai e Jawaharlal Nehru em 1954, infligiu retrocessos ao imperialismo e ao capitalismo.

Embora tenha havido algumas reversões à esquerda, predominantemente a divisão sino-soviética, a maioria esperava que a inclinação para a esquerda do mundo continuasse rumo ao socialismo.

No entanto, o capital permaneceu no comando das economias imperiais. Embora tenha expandido a capacidade produtiva com o apoio dos estados, embora o aumento do consumo da classe trabalhadora e os avanços socialistas e desenvolvimentistas tenham expandido enormemente a demanda, inevitavelmente a produção superou a demanda. O crescimento da produtividade também atingiu o pico, apesar do apoio considerável do Estado e, como classes trabalhadoras ocidentais altamente organizadas e países do Terceiro Mundo exigiram salários e preços mais altos, eles espremeram os lucros do capital imperialista. Com a desaceleração do investimento e do crescimento, as economias imperialistas entraram em crise: a segunda recessão da década de 1970 coincidindo fatalmente com a derrota dos Estados Unidos no Vietnã.

### **Neoliberalismo: Elixir para o capitalismo senil?**

As economias capitalistas agora enfrentavam uma escolha: aprofundar a reforma socialista, a propriedade e a iniciativa públicas e investir no ainda crescente Terceiro Mundo para expandir a demanda ou, conforme recomendado pelos neoliberais, suspender as restrições ao capital interno do pós-guerra e fazer campanha para levá-las no exterior. O primeiro favorecia os trabalhadores e o Terceiro Mundo e o segundo, a capital e seus lacaios compradores.

O Capitalismo venceu. A esquerda era fraca, política e intelectualmente, historicamente dividida em torno do reformismo, da Primeira Guerra Mundial, das sucessivas revoluções socialistas após 1917, da repressão generalizada e insidiosa da Guerra Fria e dos estados de bem-estar e melhores condições de vida. Não conseguiu organizar a vasta maioria - trabalhadores, mulheres, movimentos nacionalistas - que tinha tudo a ganhar com a primeira opção e tudo a perder com a segunda em uma alternativa política significativa, nem tampouco poderia o Terceiro Mundo. Apesar dos avanços socialistas e

revolucionários, por exemplo, no Afeganistão, Iêmen do Sul, Angola e Nicarágua, os processos desenvolvimentistas e revolucionários enfrentaram intensa pressão das forças imperialistas e compradoras e a traição do desenrolar da contra-revolução na União Soviética.

O neoliberalismo anunciou sua chegada com um ataque aos trabalhadores e seus ganhos históricos e um choque maciço nas taxas de juros, enviando a maioria dos países do Terceiro Mundo a duas 'décadas perdidas' de desenvolvimento. A miséria dos trabalhadores se espalhou para a ex-União Soviética e países socialistas europeus com a restauração capitalista lá.

No entanto, embora o neoliberalismo tenha reinado, ele falhou. Não conseguiu retomar o crescimento capitalista dinâmico, mesmo nas economias imperialistas. Teve que falhar. É intelectualmente hipócrita. Emergindo na fase de monopólio do capitalismo, ele procurou defender os privilégios do capital contra classes trabalhadoras com poder e, mais tarde, contra os socialismos e o desenvolvimento nacional autônomo, cantando os louvores da liberdade econômica, direitos de propriedade e concorrência de mercado livre. Ao patrocinar seu renascimento mais de meio século depois, o capital neoliberal sonhava com nada menos do que o capitalismo autoritário e imperial pré-1914.

No entanto, o relógio histórico nunca pode ser retrocedido e o neoliberalismo avançou desigualmente - indo mais longe no já mais liberal coração anglo-americano do capitalismo - e enfrentou oposição popular a cada passo.

Internamente, as políticas neoliberais retrocederam a propriedade estatal, a regulamentação e a proteção social. Ele atacou os sindicatos e deixou os trabalhadores com alto desemprego, salários reais estagnados, menos benefícios, um estado de bem-estar social menor, empregadores mais poderosos e menos serviços sociais.

Internacionalmente, o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial tornaram-se oficiais de justiça autoritários dos países imperiais. Ignorando a responsabilidade do credor, eles forçaram os países do Terceiro Mundo a pagar dívidas. Nas décadas de 1980 e 1990, à medida que aumentavam as exportações, os mercados para as poucas commodities primárias e bens industriais de baixa tecnologia que produziam estavam saturados e os preços, receitas de exportação e rendas caíram. Ao exigir um estado encolhido, eles também impediram o desenvolvimento combinado dirigido pelo estado que os países do Terceiro Mundo precisavam se tornar mais produtivos, competitivos e capazes de pagar dívidas com menos esforço. Enquanto isso, em muitos países do Terceiro Mundo, o capital imperial gozava de maior acesso a recursos, bens e trabalho, aniquilando a soberania, a democracia popular e o desenvolvimento nacional.

No entanto, um capitalismo moribundo só poderia fazer mau uso de suas vantagens políticas. Não poderia reverter o declínio do crescimento econômico, do crescimento da produtividade e do investimento. Sua recusa mesquinha em pagar impostos, salários ou preços de fornecimento decentes piorou as condições de demanda e a desigualdade, assim como sua terceirização de manufaturas para locais com salários mais baixos.



Pior, em vez de investir na produção, o capital, especialmente nos países imperiais, se entregou cada vez mais à atividade financeira improdutiva, predatória e especulativa. Os EUA facilitaram isso. Depois da quebra da conversibilidade do dólar em ouro em 1971, eles sistematicamente encorajaram a atividade financeira denominada em dólares, de forma que a demanda e o valor do dólar permaneceram altos. O aumento da dívida e das bolhas de ativos sugou dinheiro dos trabalhadores, pequenos empresários, governos e contribuintes, enquanto inflava a riqueza de pequenas elites à medida que os governos resolviam crises financeiras cada vez mais frequentes para favorecer os credores.

A tecnologia da informação e comunicação (TIC) desempenhou um papel muito irônico em tudo isso. A cibernética experimental da era soviética demonstrou o potencial das TIC para o planejamento e gestão econômica socialista democrática. Capitalistas neoliberais usaram em vez disso para produção offshore enquanto a controlam, ajudam a concentração e centralização de capital, entregam-se à pilhagem e especulação financeira, apropriam-se de terras e recursos, aumentam o controle sobre funcionários e manipulam clientes, causando curto-circuito em vez de abordar o problema da demanda e proliferando falsas necessidades em oceanos de necessidades reais não satisfeitas. Esses capitalismo diminuíram o bem-estar humano, a qualidade e a quantidade de empregos e serviços sociais.

O capitalismo neoliberal também levou, apesar da desaceleração do crescimento, à emergência ecológica de poluição, mudança climática, perda de biodiversidade e crueldade indescritível para os animais de criação, à medida que o capital transformou tudo o que a terra oferece gratuitamente à humanidade em pilhagem e lucro.

Na verdade, a atual pandemia pode ser apenas o mais recente vírus zoonótico a chegar aos humanos graças à acelerada invasão e destruição de habitats de vida selvagem.

Apesar do claro consenso científico apontando para a necessidade de ação estatal e internacional, a insistência do capitalismo no lucro e em 'soluções' orientadas para o mercado está apenas piorando as coisas.

O neoliberalismo piorou o desempenho de crescimento do capitalismo a cada década e, depois de 2008, o crescimento foi mais lento do que durante a Grande Depressão. No final da década de 2010, a maioria dos observadores agudos esperava uma grande crise econômica de sistemas produtivos capitalistas esvaziados tipificados pelos líderes neoliberais, os EUA e o Reino Unido, à medida que os protestos e a agitação social proliferavam. No evento, a pandemia desencadeou a crise, expondo e agravando a perversidade chocante das economias capitalistas neoliberais como nunca antes.

Reanimar as economias e enfrentar a emergência ecológica e a pandemia exigirá política industrial, investimento estatal, redistribuição social, planejamento ambiental e infraestrutura de saúde pública em uma escala comparável ao socialismo e exigirá o fim do controle dos capitalistas sobre o estado e a política.

O caminho para isso está aberto. O descontentamento popular com o capitalismo neoliberal é amplo e profundo, especialmente entre aqueles também marginalizados por gênero, raça e de outras formas.

### **Abdicação da esquerda e do populismo**

No entanto, os partidos e sindicatos históricos dos trabalhadores, com algumas honrosas exceções, em geral não conseguiram mobilizar esse descontentamento.

Os principais sindicatos dos países capitalistas escolheram historicamente a colaboração de classe com multinacionais capitalistas e instituições supranacionais sob a influência desmobilizadora da Confederação Sindical Europeia (CES) e da Confederação Sindical Internacional (ITUC). Sob o ataque neoliberal, esses sindicatos geralmente encolheram, deixando os trabalhadores em uma condição precária crescente, desorganizados no mundo todo.

No entanto, múltiplos sindicatos radicais de base estão proliferando e a Federação Mundial de Sindicatos (FSM), herdeira das lutas antifascistas e anticoloniais, permanece socialista e antiimperialista, unindo 120 milhões de trabalhadores em 135 países através da divisão imperial.

Os partidos históricos dos trabalhadores se saíram pior. Quando os partidos de direita moveram-se para a direita em direção ao neoliberalismo na década de 1970, muitos desses partidos os seguiram, afrouxando seus laços com os trabalhadores, embora muitas vezes só depois de lutas amargas. Mais nítidas no Ocidente e na Europa Oriental, essas mudanças também são visíveis em alguns países do Terceiro Mundo.

Elementos educados ou intelectuais desses partidos abriram o caminho. Eles classicamente combinavam grandes classes trabalhadoras com pequenos grupos intelectuais. No entanto, nas últimas décadas, estes últimos, liderados por políticos como Tony Blair e os Clintons, cresceram numericamente para dominar os partidos a que serviram e os conduziram ao neoliberalismo, muitas vezes sob a rubrica de 'globalização'.

A expansão das burocracias públicas e corporativas do pós-guerra precisava de pessoal credenciado e expandia o estrato gerencial profissional. Sob o neoliberalismo, gestão da produção centralizada internacional, engenharia, design, jurídico, comercialização, publicidade, finanças e outras funções semelhantes nos países ocidentais, inchando ainda mais esses grupos. Essa camada gerencial profissional, elevada acima da massa de trabalhadores, goza de muitos privilégios, incluindo acesso a recursos públicos ou privados. O estabelecimento político neoliberal - políticos eleitos e burocratas em governos, sindicatos e ONGs - vem desse estrato. Com laços profissionais e familiares cruzando as linhas partidárias, um estabelecimento político multipartidário refletindo o consenso da política neoliberal emergiu para nos dar os espetáculos desorientadores da Fundação Ford financiando o Fórum Social Mundial, Tony Blair redigindo estatutos de financiamento dos partidos políticos da UE, e partidos políticos e fundações que contam

com financiamento da União Europeia e do Estado, inevitavelmente com cordas neoliberais.

As diferenças partidárias agora são cada vez mais apenas sobre como os partidos mobilizam seus eleitores. Enquanto os partidos de direita naturalmente apelam para o conservadorismo social pequeno-burguês, os partidos históricos da classe trabalhadora, agora dominados por profissionais, combinam o neoliberalismo que sustenta suas rendas e estilos de vida com o liberalismo social. Mesmo no seu melhor, o liberalismo social se concentra nas lutas de indivíduos, geralmente membros privilegiados de grupos sociais marginalizados - mulheres, minorias "visíveis", minorias sexuais, minorias étnicas. Enquanto o liberalismo social promove as 'guerras culturais' que chegam às manchetes, ele negligencia a grande maioria dos membros da classe trabalhadora desses grupos, que são desproporcionalmente empobrecidos, desempregados e precariamente empregados, cuja situação não melhora e, combinada com o neoliberalismo, até piora. É principalmente por isso que os tradicionais partidos social-democratas europeus perderam apoio tão precipitadamente.

Esse estrato profissional prefere reuniões, conferências, fóruns, debates na mídia e campanhas eleitorais ao trabalho árduo da organização política de massa em bairros e fábricas da classe trabalhadora. Enquanto isso, os trabalhadores que sofrem com salários baixos, preços baixos para seus produtos, desemprego, alienação e precariedade ainda creem no socialismo como um meio para a satisfação dos seus direitos coletivos. Eles estão, no entanto, divididos ao longo de renda, habilidade, gênero, raça e outras linhas sociais e politicamente confusos por "guerras culturais" manipuladoras entre as alas direita e esquerda do estabelecimento político neoliberal objetivamente reacionário e contra-revolucionário e sua caça às bruxas comum contra líderes e movimentos genuinamente radicais.

Este estabelecimento passou a ser retratado como "populista" tanto os esforços de direita quanto de esquerda para mobilizar a massa dos descontentes com o neoliberalismo. Tanto a política de extrema direita de Trump ou Bolsonaro ou Modi, quanto a política de esquerda de Corbyn ou Maduro são acusadas de se concentrar na divisão social. No entanto, os primeiros manipulam as divisões sociais que o neoliberalismo criou para chegar ao poder e os segundos buscam curá-las revertendo o neoliberalismo. Pior, a imparcialidade dos estabelecimentos políticos é ilusória: eles podem tolerar Trump no cargo, mas os políticos genuinamente progressistas devem ser impedidos antes de chegarem perto dele ou continuamente perseguidos no cargo.

Os problemas *comuns* das pessoas nem mesmo são discutidos, muito menos abordados. Embora as maiorias nos países capitalistas - no Terceiro Mundo, nos países pós-comunistas ou no Ocidente desindustrializado - continuem se opondo ao neoliberalismo, já que os estabelecimentos políticos rejeitam até as concessões mais brandas, essa oposição pode encontrar pouca ou nenhuma expressão política.

À medida que o declínio econômico reduz as trajetórias de carreira da classe média, o precariedade passa a incluir jovens instruídos e gerentes mais velhos. Agourentamente,

como na Alemanha do entreguerras, muitas "classes médias" antes centristas agora são tentadas por ideias de extrema direita. Muitos em rebeliões espontâneas contra o neoliberalismo que expressam a tenacidade dos trabalhadores, como os "coletes amarelos" franceses, caem em conflito com a reação. A crise política e moral do comunismo internacional após 1991 e a traição dos líderes comunistas, que preferiam ascensão profissional por meio da burocracia do partido a servir aos trabalhadores, agravam o problema. 'Solidariedades' fictícias - etnicismos, racismos, comunismos - voltam-se demagogicamente contra outras vítimas do mesmo sistema para impedi-los de identificar os realmente responsáveis por seu infortúnio.

Hoje, portanto, a luta de classes grassa *dentro* da esquerda quando deveria ser travada *pela* esquerda.

No entanto, à medida que a crise econômica se aprofunda, as instituições políticas neoliberais perdem o controle sobre a política, especialmente porque, no plano internacional, os sucessos das sociedades socialistas evidenciam a decadência do capitalismo e seus custos.

### **Neoliberalismo e declínio ocidental**

O neoliberalismo não conseguiu suportar o choque e o espanto de sua ofensiva inicial contra os trabalhadores, o Terceiro Mundo e, por fim, contra a União Soviética e o socialismo do Leste Europeu. À medida que a grande lacuna entre as ideias neoliberais e a realidade continuava se ampliando, o neoliberalismo foi forçado a se transformar em resposta de sua forma Thatcher-Reagan original, em "globalização" na década de 1990, "Império" dos Estados Unidos na década de 2000 e "austeridade" na década de 2010.

Quando o Ocidente dançou sobre o túmulo da União Soviética, o filósofo interno do Departamento de Estado dos EUA, Francis Fukuyama, anunciou que a História havia acabado. A humanidade alcançou seu objetivo: democracia liberal e capitalismo. Não poderia ir mais longe. Um mundo atordoado esperava unipolaridade e esperava um dividendo da paz. A própria história teve outras idéias.

### **Unipolaridade?**

Em vez da unipolaridade, acelerou o avanço em direção à pluripolaridade. À medida que o neoliberalismo prendia o Ocidente em um crescimento cada vez mais lento, o centro de gravidade da economia mundial começou a se deslocar em direção à economia de mercado socialista de rápido crescimento da China e em direção a grandes países capitalistas em desenvolvimento que haviam se retirado do pior do fundamentalismo do livre mercado, como Brasil, Índia e Rússia.

Na década de 2010, esses países exigiram reforma das instituições de governança internacional, incluindo o FMI e o Banco Mundial. Quando o Ocidente se recusou a cooperar, eles, principalmente a China, lançaram novos bancos. Entre eles estão o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura, a Organização de Cooperação de

Xangai, o Novo Banco de Desenvolvimento e a Aliança Bolivariana para os Povos de Nossa América. A China e a Rússia também lideraram a integração da Eurásia, aproveitando a crescente gravidade econômica da China - dois terços dos países do mundo hoje comercializam mais com a China do que os EUA, as linhas de produção e as novas rotas comerciais (Belt and Road Initiative) e a proeza militar da Rússia reviveram as necessidades econômicas e de segurança dos países vizinhos. O pólo euro-asiático resultante, cobrindo quase um terço da população mundial e mais da metade de seu território, supera o legado destrutivo da divisão sino-soviética, pelo menos para fins anti-imperialistas.

A África e a América Latina também se afirmaram contra o Ocidente. A "maré rosa" de governos de esquerda da América Latina se recusou a ir embora, apesar dos ferozes esforços dos EUA para miná-la. Na África, apesar de reveses como na Líbia, as forças nacionais e de esquerda estão se reunindo. As ex-colônias franco-africanas testemunharam movimentos de massa contra a política neo-colonial francesa na África. A ocupação francesa da estrategicamente importante República Centro-Africana se opôs e as eleições foram organizadas sob a proteção das tropas russas e ruandesas. Os países da SADC opuseram-se aos esforços de mudança de regime liderados pelos britânicos no Zimbábwe, enquanto vários países vizinhos estão a ajudar Moçambique a combater a insurgência influenciada pelo ISIS no norte do país.

A África e a América Latina são hoje econômica e politicamente mais independentes e estão revivendo o pan-africanismo e o pan-latino-americanismo pelos quais lutaram gerações de revolucionários, demonstrando que suas sementes revolucionárias ainda estão brotando.

### **Dividendo da paz?**

O dividendo da paz também não se materializou. Os EUA tentaram compensar sua centralidade econômica cada vez menor com agressão militar. As guerras proliferaram, enfeitadas com slogans de "direitos humanos", "democracia" e a "responsabilidade de proteger" os cidadãos de estados supostamente falidos, e tornaram-se híbridas. Eles promoveram não a democracia, mas o capitalismo neoliberal para abrir os países pobres à superexploração do capital imperial, até e incluindo a escravidão, enquanto violavam o mais básico dos direitos humanos - à vida e ao desenvolvimento. Eles também puniram países desafiadores como a Síria, Cuba, Venezuela, a RPDC ou o Iêmen, bloqueando remédios, petróleo e alimentos.

Essas guerras também foram intermináveis. Para o Ocidente financeirizado e desindustrializado, ainda sede de importantes indústrias de produção de armas, as guerras eram uma política industrial. Capaz de destruir, mas não reconstruir, travando guerras tanto para testar e anunciar armas quanto para vencê-las, o Ocidente liderado pelos EUA, auxiliado por estados-guarnição como Israel, não obteve nenhuma vitória. Eles apenas deixaram rastros de destruição.

O militarismo crescente, a repressão, o empobrecimento e a destruição ambiental geraram ondas de migrantes ainda mais reprimidos pelos controles de fronteira que os países ocidentais impuseram e transferiram para os estados vizinhos. O Muro de Berlim pode ter caído, mas centenas de outros surgiram em seu rastro, reduzindo a liberdade de expressão, de dizer a verdade, de denunciar e protestar. As violações dos direitos humanos tornaram-se rotina, não apenas no Terceiro Mundo, mas também em cidades ocidentais como Minneapolis ou Paris.

Como pode haver direitos humanos sem paz e desenvolvimento, justiça social e direitos sociais? Como os Estados e os povos podem alcançá-los sem soberania, reconhecimento da pluripolaridade do mundo e respeito, em vez da estigmatização de países, como China ou Cuba ou Nicarágua, que buscam cumprir esses direitos humanos mais fundamentais.

O capitalismo comete seus crimes contra a humanidade e contra a própria possibilidade da sociedade ao som da propaganda anticomunista, tentando evitar que as pessoas percebam que o socialismo protegeria melhor seus direitos humanos - liberdades de expressão, religião ou associação tanto quanto direitos de uma vida decente, bem ocupada, saudável e culturalmente rica.

Este era o estado precário da economia, sociedade, política e influência internacional do Ocidente quando a pandemia chegou.

### **Capitalismo e socialismo no teste do estresse pandêmico**

Despreparados apesar das advertências, inicialmente negando sua seriedade, os países capitalistas, ricos e pobres, foram duramente atingidos pela pandemia. As infraestruturas sociais e de saúde, já gravemente enfraquecidas por décadas de subfinanciamento, foram sobrecarregadas na maioria dos países ricos e desabou em muitos pobres. As necessidades de saúde não satisfeitas, Covid ou não-Covid, aumentaram vertiginosamente. Os governos capitalistas afirmavam estar divididos entre salvar vidas e meios de subsistência quando, na verdade, estavam colocando as pessoas em risco pelos lucros capitalistas.

Nos EUA, as autoridades públicas priorizaram o apoio aos mercados financeiros em declínio, sobretudo em escala e variedade de medidas sem precedentes. Alguns governos neoliberais até hesitaram em alcançar a "imunidade de rebanho" por meio de infecções, independentemente do número de mortos. O clamor público evitou isso, mas não a estratégia de "mitigação" apenas um pouco menos assassina: usar bloqueios para redução de lucros tão moderadamente quanto possível para manter as hospitalizações baixas o suficiente para que os sistemas de saúde pública fracos não entrem em colapso.

Comprometidos por muito tempo com a medicina corporativa e mercantilizada, os governos neoliberais simplesmente se recusaram a reforçar os sistemas de saúde ou construir a capacidade de assistência médica e social baseada na comunidade para testar, rastrear e apoiar o isolamento de casos e contatos necessários para suprimir o

vírus. Em vez disso, os políticos ofereceram a seus amigos capitalistas oportunidades de lucro privado em nome do fornecimento de saúde e serviços públicos. Enquanto isso, as medidas de isolamento social aplicadas com hesitação foram inevitavelmente prolongadas e repetidos, enviando as economias para um território profundamente negativo e colocando em risco o verdadeiro sustento de bilhões.

Ciclos desordenados de bloqueios hesitantes e flexibilizações muito precoces em países capitalistas neoliberais também mantiveram expostos trabalhadores "essenciais" suficientes, e comunicações governamentais de má-fé mantiveram o suficiente para resistir a restrições e vacinas, para registrar alguns dos mais altos índices de casos e fatalidades do mundo.

Embora os países ricos tenham oferecido algumas transferências (para manter a demanda em vez de apoiar as pessoas), isso não foi possível na maioria dos países pobres já endividados, cujos governos se tornaram ainda menos capazes de responder à pandemia ou atender às necessidades básicas.

As divisões sociais profundas se aprofundaram ainda mais. Pessoas de alta renda trabalhavam em casa. Com salários integrais e despesas reduzidas, eles até pagaram dívidas. À medida que o apoio aos mercados financeiros os colocava em corridas de alta sem precedentes, as elites endinheiradas tornaram-se mais ricas e os bilionários mais numerosos.

Os trabalhadores, especialmente mulheres com empregos precários, minorias étnicas e outros grupos vulneráveis, por outro lado, ou sofreram pobreza, desemprego, isolamento, perda de poupança, dívida predatória e puro desespero, ou eram mal pagos 'essenciais' e 'linha de frente' trabalhadores, mantidos trabalhando e, além disso, expostos a infecções, doenças e morte. O acesso insatisfatório aos cuidados de saúde, a habitação superlotada e com vários ocupantes abaixo dos padrões e a falta de moradia aumentam o risco de infecção, morbidade e mortalidade.

Com muitos sindicatos representando esses trabalhadores de forma inadequada ou inexistente, e empregadores oportunistas não protegendo sua saúde, sua situação permaneceu em grande parte sem solução.

Como mães sujeitas ao controle masculino, as principais provedoras de cuidados não remunerados para os jovens, doentes e idosos e as possuidoras de empregos de baixa remuneração, as mulheres foram adicionalmente prejudicadas pela pandemia e pelas medidas de isolamento social. As demandas educacionais com fechamento de escolas e creches levaram milhões de mulheres a abandonar o emprego. As famílias chefiadas por mulheres foram particularmente atingidas. À medida que os sistemas de saúde entraram em colapso, milhões de mulheres perderam o acesso aos métodos anticoncepcionais e, sob regime de isolamento, sofreram de forma desproporcional com a violência doméstica.

Outros grupos marginalizados também são vulneráveis. Graças à desinformação do governo e ao uso de bodes expiatórios de direita, várias minorias - asiáticos do leste na

América do Norte, muçulmanos na Índia - sofreram violência crescente e discurso de ódio. A discriminação no emprego, moradia, saúde e serviços sociais contra as minorias sexuais e de gênero se intensificou, expondo-as também a maiores riscos à saúde.

Por fim, o isolamento e a falta de engajamento e participação social, a interrupção da educação e dos exames, afetam particularmente os jovens. Aqueles sem acesso confiável a computadores, internet e eletricidade sofreram pior e muitos podem abandonar completamente a escola. Oportunidades sombrias de emprego e a possibilidade de nunca ter sido empregado aumentaram ainda mais a desesperança dos jovens.

O contraste com o sistema socialista da China é impressionante. Equipado com uma infraestrutura de saúde impressionante para um país em desenvolvimento, governado por um partido capaz de priorizar o salvamento de vidas com um único propósito - construir hospitais totalmente equipados em poucos dias ou mobilizar profissionais de saúde de todo o país para correr para Wuhan - a China suprimiu o vírus, salvou vidas e agora ostenta uma economia mais uma vez liderando o crescimento mundial.

Outras experiências socialistas foram semelhantes: em 6 de agosto de 2021, junto com as 3,22 mortes por milhão da China, Vietnã, Laos (o país mais bombardeado do mundo), Cuba, Venezuela e Nicarágua limitaram Covid-19 mortes por milhão a 27,94, 0,96, 281,11, 128,92 e 29,59 respectivamente. Compare isso com 1.858,96, 1.920,72, 704,81 e 1.661,87 para os EUA, Reino Unido, Canadá e França, respectivamente, embora as economias capitalistas do Leste Asiático, com suas tradições de intervencionismo estatal e costumes sociais "confucionistas", tenham se saído melhor com 120,61 e 41,21 mortes por milhão em Japão e Coreia do Sul, respectivamente.

Os países capitalistas se dobraram para não reconhecer esse sucesso socialista. Até mesmo a prestigiosa revista médica The Lancet preferiu demonstrar a superioridade da repressão sobre a mitigação com um estudo restrito aos países da OCDE, excluindo os modelos socialistas exemplares de repressão.

Não querendo fazer o investimento público em habilidades e pessoas para suprimir o vírus, ávidos por aumentar os lucros das Big Pharma, os governos neoliberais apostaram tudo nas vacinas. No entanto, as vacinas, embora necessárias, não são suficientes contra a pandemia. Um sistema adequado e baseado na comunidade de teste, rastreamento e isolamento bem apoiado é essencial, especialmente quando a hesitação da vacina, provocada pela erosão da confiança, mantém as vacinações bem abaixo dos níveis exigidos para a imunidade da população, mesmo em países ricos e no Terceiro Mundo. amplamente desprotegido, mantendo novas variantes emergindo e se espalhando.

Na verdade, o apartheid da vacina neoliberal garantirá que sim. Os países ricos compram suprimentos escassos e os mantêm, insistindo em honrar os "direitos de propriedade intelectual" da Big Pharma e impedindo muitos países de fabricá-los. Quando a China e a Rússia aumentam os suprimentos mundiais de vacinas por meio de vendas e doações acessíveis, o Ocidente zomba disso como "diplomacia de vacinas" e desencoraja os países pobres de aceitá-las.



À medida que novas variantes surgem, enquanto novas vacinas ou reforços trarão lucros maiores para a Big Pharma, eles também manterão as sociedades capitalistas em um ciclo de bloqueios e restrições locais ou nacionais e todos os meios para a subsistência dos trabalhadores, sem mencionar o aprofundamento da incerteza e da desigualdade, desesperança e morte.

A recuperação, quando chegar, será garantidamente fraca e em forma de K, combinada e desigual, aprofundando ainda mais as desigualdades entre uma elite obscenamente cada vez mais rica em contraste com o resto da população.

### **Lutas de classe e nacionais pelo socialismo**

O forte contraste entre os sucessos dos socialismos e os fracassos do capitalismo colocou o destino do capitalismo na balança do poder internacional. Os avanços em direção ao socialismo no futuro próximo envolverão a luta internacional tanto quanto a luta de classes interna, se não mais.

Os capitalistas imperialistas estão respondendo tentando inaugurar um novo estágio do neoliberalismo, um pseudo-filantrópico. Seu discurso dominante reivindicará fornecer às pessoas elementos essenciais, sejam vacinas, tecnologias verdes ou médicas ou serviços de educação e saúde. É claro que, com a demanda ainda mais deprimida pela crise econômica que a pandemia desencadeou, o estado será o cliente preferencial. O discurso dos "direitos" dos cidadãos de exigir determinados produtos e serviços vai proliferar. O mesmo acontecerá com a necessidade de um papel maior do Estado e de maiores gastos do Estado. A produção privada corporativa desses "essenciais" para o lucro será justificada por argumentos sobre a "inovação", "escolha" e "eficiência" do setor privado. As receitas fiscais pagarão pela produção privada realmente ineficiente e autoritária de bens e serviços de baixa qualidade e inadequados. A especulação financeira e a atividade rentista continuarão inabaláveis.

É claro que esse novo neoliberalismo enfrentará inquestionavelmente resistência devido ao aprofundamento das divisões sociais e à avançada debilidade produtiva do capitalismo. Mesmo sem uma oposição de esquerda organizada e astuta, seus fracassos manifestos em meio a revelações proliferantes de fraude e corrupção irão abalar a política. Internacionalmente, os esforços para exportar essas práticas e discursos para além do núcleo imperial do capitalismo terão sucesso limitado à medida que os governos mais responsáveis olharem para relações de comércio e investimento alternativas, como aquelas centradas na China.

Na verdade, à medida que a pluripolaridade avança, o domínio imperialista e do dólar retrocede e o capitalismo continua a funcionar mal, a propaganda da Nova Guerra Fria contra a China parecerá cada vez mais vazia. Pior, as divisões dentro do campo imperial - dentro da OTAN, entre estados e até mesmo dentro das classes capitalistas - só podem crescer graças às crescentes atrações econômicas da China, mesmo para o Ocidente, seus aliados e corporações tradicionais. As tentativas dos EUA de reunir aliados

"democráticos" europeus, do Leste e do Sul da Ásia e Antípodas em uma nova estratégia do "Quadrilátero Indo-Pacífico" já estão emperradas.

A "ordem internacional baseada em regras", baseada em valores supostamente universais que os EUA propõem, está cada vez mais exposta pelo que é: uma negação imperialista do direito do Terceiro Mundo de se desenvolver imposta através de agressão militar, sanções, embargos e guerras. O apoio da China a uma 'comunidade internacional com um futuro compartilhado para a humanidade' com base em valores comuns e princípios da ONU e os Cinco Princípios de coexistência pacífica oferece uma alternativa muito mais atraente capaz de resolver os problemas comuns da humanidade.

O capitalismo está em um impasse doméstico e internacional e as classes e nações que lutam pelo socialismo devem avançar em solidariedade. Nesse avanço, alguns governos e movimentos, como o Irã ou o Ansarullah do Iêmen, por exemplo, podem à primeira vista parecer estranhos companheiros de viagem para os trabalhadores e suas nações e movimentos socialistas. No entanto, eles estão sujeitos a agressões imperialistas, guerras, bloqueios, sanções econômicas e financeiras, revoluções coloridas e mudanças de regime e, portanto, merecem pelo menos solidariedade anti-imperialista.

### **Demandas do povo e dos povos pelo socialismo hoje**

O capitalismo há muito deixou de ser historicamente progressivo. A humanidade enfrenta a tarefa de arrancar de seu controle a socialização mundial da produção à beira de uma nova revolução industrial envolvendo robótica, inteligência artificial, nanotecnologia, computação quântica, biotecnologia, Internet das Coisas, impressão 3D e semelhantes. O capitalismo não pode desenvolver todo o seu potencial enquanto a China lidera, ganhando cada vez mais controle sobre seus padrões, propriedade intelectual e rendas associadas do mundo capitalista e desafiando a supremacia cibernética do estado de segurança dos EUA.

Hoje, vários povos já estão construindo o socialismo, mas a maioria está pagando o preço de manter o declínio e o capital extorsivo sob controle. Já é hora de todos os trabalhadores começarem a construir o socialismo, formando-se em uma "classe para si", derrubando a classe capitalista e tomando o poder político.

Claro, chegaremos ao comunismo - uma sociedade que produz valores de uso, em vez de valor (de troca), e distribui o produto social tomando "de cada um de acordo com sua capacidade" e dando "a cada um de acordo com sua necessidade" - apenas em o fim de uma longa estrada. Devemos atravessar várias etapas do socialismo - produção, distribuição e visão cada vez mais socializadas - antes que nossas capacidades produtivas, nossas sociedades e nossas culturas se tornem capazes de se relacionar com outros indivíduos, grupos e sociedades em solidariedade, vivendo em harmonia com outras espécies e com o planeta.

Ao fazer isso, a chave é tomar o controle do estado do capital. O papel do poder público, o Estado, é essencial e distinto e o controle sobre ele deve estar nas mãos dos

trabalhadores. Embora o capital possa dominar uma considerável empresa privada, particularmente durante os primeiros estágios socialistas, um estado socialista deve sujeitar progressivamente toda a produção a fins sociais por meio do planejamento de interesse geral. Socializar determinados meios de produção será uma decisão contextual e, frequentemente, prática.

Cada país, com sua configuração histórica de desenvolvimento produtivo, organização social e cultura, seguirá por esse caminho com ritmo e padrão próprios. Alguns podem aderir à jornada tarde, alguns podem fazer desvios interessantes e alguns, provavelmente um pequeno número, podem não aderir tão cedo.

O princípio primordial de "as pessoas e o planeta sobre os lucros" implica as seguintes principais demandas de pessoas e povos que lutam pelo socialismo:

1. O sofrimento físico, econômico e emocional durante a pandemia torna a socialização plena da assistência à saúde, com acesso universal gratuito no ponto de uso, a alavanca que abre as portas para o socialismo. Deve incluir sistemas de saúde pública baseados na comunidade, estendidos aos distritos e aldeias mais remotos, capazes de oferecer as melhores abordagens de prevenção e tratamento para pandemias atuais e futuras. Esses sistemas de saúde são possíveis tanto em países pobres quanto ricos e têm duas vantagens adicionais. A necessidade de médicos qualificados expandirá a educação pública, o treinamento e a pesquisa em prevenção e cura, oferecendo trabalho de alta qualidade para muitos. A necessidade de uma autoridade pública ativa e fortemente comprometida com o bem-estar social é exatamente o que é objetivamente necessário para a transição para uma sociedade socialista. Se tal sistema de saúde pública se mostrar possível, se não totalmente, pelo menos substancialmente, as pessoas verão claramente, exigirão e estarão dispostas a trabalhar para isso, estendendo seu modelo a outras esferas cognatas, como educação, cuidados com crianças e idosos ou habitação.

2. Para traçar o caminho do avanço socialista, lembramos o que Marx sabia bem: os dois principais elementos da produção, terra e trabalho, não são mercadorias e nem o principal instrumento de sua organização social, o dinheiro. O capitalismo, ao tratá-los como tais, se enreda em contradições - da apropriação privada dos frutos do trabalho social, da devastação ambiental e da precariedade dos produtores agrícolas e de commodities primárias, do dinheiro mal administrado e das crises financeiras.

Descomodificar terra, trabalho e dinheiro constituirá um grande avanço em direção ao socialismo.

A urgência de resolver a emergência ecológica não pode ser exagerada. Devemos fazer com que a terra e os corpos d'água sejam propriedade pública para um plano viável para prevenir calamidades ecológicas. Esse plano deve ser baseado em ampla participação popular e investimento estatal em grande escala, e incluirá necessariamente o desinvestimento de combustíveis fósseis, investindo e implantando energia renovável e transporte público de carbono zero em uma escala sem precedentes, restaurando a biodiversidade, reflorestamento e reorganizando o sistema alimentar. Também

promoverá a provisão racional e equitativa de habitação e a alocação de terras para diversos fins econômicos.

O acesso universal ao trabalho e suas recompensas para todos os que podem trabalhar, combinado com o apoio para aqueles que não podem trabalhar e uma redução no tempo de trabalho para todos à medida que a produtividade avança, abre a porta para atividades autônomas e criativas capazes de promover a realização individual, a ciência e a cultura a níveis nunca antes imaginados.

Devemos nacionalizar o dinheiro e os bancos para transformá-los em instrumentos de produção e distribuição socialmente organizados.

Nos últimos anos, além de terra, trabalho e dinheiro, os países imperialistas buscaram mercantilizar o conhecimento e a tecnologia por meio dos direitos de propriedade intelectual. Assim como a natureza, a cultura, o conhecimento e a tecnologia são patrimônio comum da humanidade, sua segunda natureza. Devemos reverter sua mercantilização também e tornar a educação e a pesquisa públicas e os fluxos de conhecimento gratuitos.

3. Um maior avanço socialista reside no princípio racional de que monopólios - como extração de recursos, transporte, as plataformas digitais cuja propriedade privada impede a plena exploração de seu potencial para beneficiar a sociedade - e a produção do essencial da vida - comida, habitação, educação ou saúde - ser fortemente regulamentada ou nacionalizada. Sua propriedade privada mal serve a sociedade. O progresso em direção ao socialismo será mais suave onde, graças às lutas de classe e internacionais, a provisão e a propriedade públicas já estão bastante avançadas. Claro, devemos remover suas limitações existentes - preconceitos de classe, patriarcais e racistas - e democratizá-los, não apenas formalmente, mas substancialmente.

4. Todos os países, especialmente os ricos, também devem separar, por meio de debate e discussão, a necessidade real e a "necessidade" simulada pela necessidade do capitalismo de mercados por meio da ilusão consumista e da obsolescência planejada, gerando, ao invés de saciedade, apenas insatisfação permanente e cobiça, não para mencionar a destruição ambiental. Um corolário crítico é interromper todas as atividades de desperdício - por exemplo, produção de armas (além da defesa básica) ou especulação financeira.

Essas metas serão mais fáceis para as sociedades perseguirem no ambiente internacional certo.

5. Devemos nos opor à Nova Guerra Fria imperialista patrocinada pelos EUA e construir uma ambiciosa governança internacional multilateral que permita a todos os países desenvolver, criar igualdade econômica, de gênero, racial e religiosa e enfrentar desafios compartilhados por meio de aspectos econômicos, políticos, financeiros, científicos e culturais cooperação para benefício mútuo nas relações "ganha-ganha". O verdadeiro desenvolvimento no Terceiro Mundo requer investimento em capacidades humanas e

uma nova revolução científica e tecnológica para atender às necessidades humanas e planetárias, integração cooperativa de economias para melhorar as cadeias industriais, de dados e de recursos humanos e conectividade sustentável e infraestrutura verde para difundir amplamente os ganhos.

6. Devemos também lançar um desafio ao falso e hipócrita universalismo com que os países imperialistas articulam a sua dominação há séculos. Devemos substituí-lo por valores e princípios comuns para enfrentar os desafios comuns: insegurança, desconfiança, desrespeito, guerra, desenvolvimento desigual, aumento das desigualdades de todos os tipos, sérios danos à terra, solos, água, mares e ar que sustentam a vida humana e de quem a degradação ameaça a saúde ecológica, a infraestrutura de saúde deficiente, a gestão ineficaz de desastres e a dívida insustentável. A governança internacional precisa refletir o objetivo mundial e a pluripolaridade em desenvolvimento. Os ideais originais da Carta das Nações Unidas e os princípios de coexistência pacífica defendidos pelo Movimento dos Não-Alinhados são bases excelentes para a construção de alternativas adicionais às instituições de domínio dos Estados Unidos e do Ocidente.

A diversidade de nosso mundo e de suas civilizações é um grande recurso e somente os princípios de igualdade, respeito mútuo e confiança mútua podem sustentá-lo. Embora paz, desenvolvimento, igualdade, justiça, democracia e liberdade sejam valores comuns da humanidade, não existe um modelo político universal. Em vez disso, o mundo deve se envolver em troca constante, aprendizado mútuo e compartilhar os benefícios do progresso.

**Trabalhadores de todos os países, povos e nações oprimidos, uni-vos!**